Biblioteca Virtualbooks

NA BOCA, NA LÍNGUA

Victor Tales

NA BOCA, NA LÍNGUA

Victor Tales

Péfácil

Até gostaria de ser mais fácil e popular, mas é difícil quando se tem essa vontade barata de poetar.

Victor Tales.

I

CONTOS QUE MAMÃE NUNCA LEU

A curiosidade matou o Osvaldo

É pequenino. Nasceu mais embrulho que menino. – Corre, correria, ele respira com dificuldades. Aqueles tubinhos na boca. A mãe quando viu. Quase louca. Achava que doía. – Não se preocupe, só por um tempo. – É feio, parece um ratinho. – O berçário é bem arrumado; tem bichinho de pelúcia e estrelinha no teto. – Coitado, prematuro. Sete meses e meio, apressado, apressadinho. – Culpa da mãe; fumou muito na gravidez. – Culpa do pai; bronquite, magro demais; não se vê saúde na família desse homem. – Enfermeira onde fica o bebedouro? No corredor à direita. Um homem esperava o filho. Veio o médico no lugar. – Sinto muito. – Era tão jovem coitado, nem dezoito. “DIM, DIM”. – Dr. Arthur Telúrio, se apresente à recepção. – A mãe Dr. Arthur, o filho tossindo muito, quer falar com senhor.

– Osvaldo, como o avô. – Cara do pai. – Parece um ratinho. O enxoval todo azulzinho. O berço bege com almofadinhas azuis. É azul demais. Se morrer acha que é céu. – Mãe, eu não gosto do bebezinho, ele é feio, parece um ratinho. Chora muito. Madrugada toda.

Mama muito. Morde o biquinho do peito. Sai um pouquinho de sangue.

– Liga pro Dr. Arthur, esse menino não para de tossir. Cresceu. – Não chore, você já tem dez aninhos; mocinho já. – Osvaldo come devagar; vai engasgar. Magro, magro; parece o pai. Tem um pé maior que o outro. – Ele vai ter que usar botinha ortopédica. – Ai doutor, vai doer?

– Mãe olha o Osvaldo. Mexe em tudo. Curioso. Curiosidade matou o gato. – Eu não sou gato, sou Osvaldo. – Come igual um cavalo e não engorda; será que é doença? Osvaldo, Osvaldinho, Dinho, Valdinho.

Oitava série. Todo mundo caçoa. Orelha grande. Pé torto. – Ai, parece bicho; um ratinho. – Osvaldo suas notas andam caindo, fala para o seu pai, você está usando droga? Odeia escola. Não tem muitos amigos. Só o baixinho do Plínio. Amigão. Topa todas, quase irmão.

– Não Osvaldo, vai devagar, meu pai pode chegar. O pinto. Grande, grande. Maior que o do Plínio. Letícia.

Nem feia nem bonita. Primeira namorada. – Tem uma comissão de frente; delicia. – Já pegou neles? Biquinhos rosados. Da mãe é meio marrom. Maiores também.

Muito rápido. Nem parece que aconteceu. Dói, dói muito. Sai um pouquinho de sangue. Culpa do pinto; muito grande. – Eu te amo. – Amor não, que é forte demais, mas eu te adoro. A camisinha. – Meu Deus! Ela estourou? Deixa ver. Segunda vez foi melhor. Teve até orgasmo. O corpo treme todinho, o olho vira, molha tudo lá embaixo. Geme baixinho, os biquinhos ficam duros, durinhos. Tesão. – Osvaldo. – Diz. – Eu te amo.

Noite. Tossindo muito. Bronquite atacando. Taquicardia. Corre, correria. Ele respira com dificuldades. "DIM, DIM". – Dr. Arthur Telúrio, se apresente à recepção.

– Insuficiência respiratória; infelizmente. Sinto muito. – Calma mãe; abraça. – O senhor quer um pouco d'água? – Meu filho, meu filho. A recepção é bonita. Sofá confortável. São marrons. Dois quadros. E

um espelho. – O cafezinho saiu agora? Agora, agorinha. – Coitada dessa família; o filho. – É.

A enfermeira. – Era tão jovem coitado, nem dezoito. – Feio, parecia um ratinho.
...

Ilusão para dois caolhos.

Cesário perdeu a visão. Na guerra conta. Dos trinta. Trinta anos ou séculos. – As guerras têm por valor trespassar; as pregas frágeis do tempo. Anjo. Espetou os olhos. – Dádiva maldita, preferia ver putas gordas o resto da vida. Campos de Jordão. Casa miúda. Poltronas vazias. Pratos mais ainda. Não havia quadros. Paredes escuras, escuras; de tão sujas. Sonhando. Cama suada. A mais humana das camas. Fedia como o próprio. Sonhos. Coloridos. Podia ver tudo, luzes, reflexos, homens, mulheres, doce, amargo. O gosto. É mais saboroso comer quando se pode ver. Acordar. Pânico, berro, berro; toda noite. Vê tudo em sonho. – Diabos de acordar cego; trevas.

– Papai acorde vim visitar. Julieta. Tinha tantos poucos anos. Alguns cuidou do pai. Foi embora. Não podia guentar o berro, berro; toda noite. – O senhor é novo inda deveria se casar; alguém para cuidar. – Tem berro, berro toda noite filha. –Mulher linda amorosa não se incomoda. Estrelas gritam alto. Noite. – Vou; mas volto manhã. Sozinho. Come o bolo de fubá. Melhor bolo do mundo. O bolo que nunca se come. –

Quede a migalha do bolo sobre a mesa; bonito seria ver. Caminha. Toda noite; pela mesma rua. Como uma regra. Um bale urbano do cego de guerra. Os mesmos passos. As mesmas voltas de perna. Não quer dormir. Anjo sempre volta. Como o raio d'manha volta. Para espetar seus olhos. Berro, berro; amanhece.

– Papai; Madalena. Magra de dar fome em gordos. De dar pena aos próprios ossos. Saltando dos lados. Amorosa. Escuta pouco. – Tem berro, berro; toda noite. – Não tenho medo. – Sou velho, cego; perdido. – Vejo e memória boa. – Bolo de fubá; sabe? – Sim. – Mês que vem; casamos.

– Aceita Madalena. – Ela é bonita padre? – Sim. – Sim. – Aceita Cesário. – Sempre.

– Cesário. Café da manhã. Bolo de fubá. Come, come. – Ouviu a noite? – Não; dormi pedra. – Nem berro, berro; toda noite? – O bolo está bom? – Melhor do mundo!

– Madalena acorde. Cesário. – Vai conhecer hoje. – Mãe; posso visitar? – Quando casar sim. – Ele é cego

verdade? – De guerra. – É velho sim? – Mais que papai. – Mãe que é amor? – Tem no dicionário; vamos, vamos.

Acordou. Sonho; conheceu cerejeira. Gritavam quietas no quintal. Não sabia para donde girar. De tanto brilho. Abriu olhos. Berro, berro; toda noite. – Sonho de merda castiga, castiga. Berro, berro; toda noite. Ecoa, ecoando. – Madalena acredita anjos? – Da bíblia. – Eu não. Café. Come, come. – O bolo está bom? – Melhor do mundo!

– Madalena faz sol? – Sim Cesário. Iam mãos dadas. Sob chuva fina. Não mais um bale solitário. Os mesmos passos. As mesmas voltas de perna. – Madalena embora sôo muito nesse sol; roupas encharcadas. A casa limpa. Duas poltronas. Quadros floridos. Amarelo, branco e verde. Tudo ao seu lugar. Para saber dormir. – Madalena bonita. – Não sou. – O padre não mente menina. – A mais bela. – Bom seria ver. – Imagine. – Gual cerejeira, cheirosa, frondosa, alta, doce de olhos brilhosos. – Como anjo. – Não. – Queria ser anjo. – Seja anjo ingrata; espeta sonho. – Desculpe.

Badacama. Na caixa velha. Guardada. Fria, fria. Pesava duas vezes mais, mais. Café. Come, come. – O bolo está bom? – Melhor do mundo! – Cesário faz não. Corre, corre. Esconde, esconde. Badacama. Badadosofa. Badadonada. Cesário. Procura, procura. Tropeça tudo. Na limpeza. Nos quadros dormindo. Nas poltronas cheias de sono. Nos pratos cheios de bolo de fubá. – Madalena. – Cesário? – Faz sol? – Sim. – Mentirosa.

Estrelas gritam alto. Noite. Nunca mais. Berro, berro; toda noite. Cabo Madalena Anjo. Maria Madalena. Maria de nada. Madalena de coisa nenhuma. – Merda de Madalena! Sonha para sempre. No meio de cerejeiras. Milhares de belas e quietas Madalenas. Enraizadas sempre no quintal. De Campos de Jordão.

...

Bem bastante belo

"No sentido da vida. Contido nesse mundano. É essa incrível ida, de ser; deveras humano!".

Lá vai; Pierrô. Agasalhado na multidão. Fervilhando. Irradiando. Dominando. Devorando. Cada pedaço. Humano. Animal. Vegetal. Esse Pierrô. Comum homem. Como uma matilha. Babando sobre próprios pelos. Atrás da vitima; inocente. Ele. Ainda mais; imaculado. Devora-lhe. Carne. Músculos. Ossos. Alma. Bendito; Cristo! A esperança. A ultima que morre. Ali sentada. Lamentando sua própria solidão.

Espasmos. Ânus contorcido. Orgasmo. Forte, forte. Começa na espinha. Uma viagem longínqua e sagrada. Um suspiro forte. Sujo, sujo. Sentiu merda sobre lençol. Mulher. Chorando, choramingando. – Louco! Ria. Tão alto. Fundo. Uma hiena. Em suas entranhas. Remexia na cama. Acabara de ter o orgasmo; melhor de sua vida.

Comum; Paulo Mattoso. Casado. Liana Mattoso. Vivi. Casa; número trinta e quatro. Rua Calabouço. Bairro Jardins. Convidou. Vizinhos novos; para jantar.

Enquanto comiam. Sua mulher. Com uma saia; de renda. Enorme, enorme. Sentou no colo. Penetrou-a ali. Enquanto ela abaixava; tomar o chá. Riam alto. Os vizinhos. Percebiam? Súbito. Colocou a de quatro. Apoiada na mesa. Metia até o cabo insistentemente. Sua boceta super aquecida. Chá sobre o carpete. Vizinhos. Estarrecidos. Liana Mattoso. Abriu a braguilha. Pênis duro; vizinho. Em sua boca. Camuflando no interior. Vizinha. Lutando. Unhando. Mordendo. Agora. Fodendo. Paulo Mattoso. Contorcem-se como enguias. Numa dança de foda. Tudo estilhaçado. Sobre o carpete. Nunca mais carpetes. Paulo abraça. Vizinho. Infinitamente felizes. Vizinhos de suas mulheres. Infinitamente felizes. Despedem. – O feijão estava ótimo. – A receita do bolo; não esqueça. – Até outro dia.

Ângela. Nome de guerra. Travesti macho. Pernas lindas. Limpou o chuchu. Pintou. Calcinha rendada. Vestido rodado. Ruas largas. Espelho. Fêmea. Ruas largas, largas. A luz fria e elétrica. O poste. Como o rei falo. Abençoando seus súditos. – Ângela você é linda. – Você é uma deusa. – Divino; que tetas! Quarto. Hotel Rose. Cama. Espelhos. Luzes; frias. – Deixe ver. –

Gosta? – Perfeita! – Custa caro meu bem. Morre essa manhã. Agnaldo Faria Pinto. Trinta e duas facadas. Deixa filho de doze anos. Travesti da rua Augusta. Policia procura assassino. – Sabe Ângela? – Morreu! – Morreu não; virou noticia. – Safada; que tetas em?

Pele. Um bicho d'ouro. Douriado. Suas roupas. Não serviam mais. Sua unha gasta. De tanto corroer o chão. Buscando um tesouro. Meteoros eqüíssimos da humanidade. Seus dentes poentos. Não sustentam mais os lábios. Que pedem balbuciando. – Mãe, mãe. – Vamos sai daí. Enxotado; cão vadio. Pancadas ferem calcanhares e testículos. Curvasse num canto. Tão abaixado que fica. Os pássaros cagam sobre ele. E cantarolam em suas costas. Lá fica todo o outono. Ruminando. Fertilizando. Até que dele nascem fungos, cogumelos e flores. Que murcham em seguida. Sorri. Milhares de vezes. Seus olhos vidrados. Duas estrelas se transformando; buracos negros. Devora todas as pedras ao seu redor. Sua língua tornasse poeira. O pó do verbo. Chove. Lavam-lhe as costas. O barro suspende seus pés do chão. Envelheceu dez ou mais anos. Cresceu como uma árvore. Raízes; fortes. Penderam de seus dedos. Pássaros fizeram casa.

Insetos alimento. A grande cadeia alimentar; prolifera. Em seus ramos. Flores com pétalas brancas balbuciando: - Mãe, mãe. Ali fica. Fazendo sombra. Sobre os loucos do hospício; João Leopoldo Filho.

Só. Sobram cristais. Zircônios. Vidro. Vida partida. Pedra fendida.

...

Abscesso cotidiano

– Lembra dele? O câncer de estômago? – Não, o gordo que era seu vizinho. – O câncer de estômago também era meu vizinho, de rua, não de casa. – Então, o gordo. – O que tem ele? – Ele está com câncer. – Mas e agora, ele vai ser o vizinho gordo com câncer? – Não sei. – Gordâncer? – Gostei disso, pode ser assim então. – Assim não confundimos, sempre tem amigo-secreto, melhor saber quem é quem.

– Aquela! – A magrinha casada com o advogado? – Isso mesmo. – Não sabia. – Pois fique sabendo. – Que vergonha não? – Não sei, os tempos são outros, podemos fazer de tudo hoje. – Será? – Não vê na TV, isso é normal hoje em dia. – Bolo de soja, o que mais vão inventar? – Gosto mais de bolo de cenoura. – Será que é gostoso?

A mãe. Desquitada. – Desquitada não que é feio Jaime, divorciada, melhor assim. – Claro mãe. – Isso é normal hoje, tem filho que até gosta, dois presentes de natal, de aniversário é dois de tudo. – Claro mãe. – Você sabe que não podia dar certo. – Claro mãe. – Seu

pai não me dava mais atenção. – Claro mãe. – Ele não me amava mais filho. – Claro mãe. – Era um Deus nos acuda aqui em casa, ele só vinha pra jantar. – Claro mãe. – Não me procurava mais. – Claro mãe. – Eu amava seu pai Jaime. – Claro mãe. – Ele que não me amava mais. – Claro mãe. – Tinha uma amante, todo mundo sabia disso. – Claro mãe. – Você sabia? – Claro mãe. – Mas como filho? Você nunca me contou. – Claro mãe. – Não posso acreditar, você é meu filho saiu de dentro de mim, eu te carreguei por nove meses sou a pessoa que mais te ama nesse mundo. – Claro mãe. – Viu você me valoriza, o seu pai não, ainda bem que você puxou o meu lado da família. – Claro mãe.

– Como? – Cuma sacola de plástico, sabe, tem que se cuidar vai que eu pego AIDS dele. – Do porco? Porco tem AIDS? – Claro que sim. – Cara, não sabia. – Você falta muito as aulas de biologia Hermann. – Oscar, como você consegue foder um porco? – Cê não tá ligado mesmo, não era porco, era porca cara. Eu sou macho oras! – Foi mal veio. – É igual foder mulher eu acho, é bom, o problema é usar essa sacola de plástico da uma coceira no pinto. – Cara, não sabia. – Você falta muito as aulas de biologia Hermann. – Mas a

porca gosta? – Deve gostar, faz uns barulhos estranhos, igual a minha mãe. – Sua mãe geme igual uma porca? – É tudo mulher cara, geme tudo igual. – Cara, não sabia. – Você falta muito as aulas de biologia Hermann.

Enforcado. A filha era putinha. A mulher era puta. A mãe era putona. Vinha de uma família de tradição, filhos da puta. – Foi por causa da filha. – Era puta né? – Das mais safadas. – Deus pai! – O pai não. – Não, não. – Não o que? – Nada. – A família mal tem o que comer e eles vão enterrar ele com esse anel de ouro? – Coisa de tradição, eu acho. – Deus pai! – Não, o anel não é do pai. – Não, não. – Não o que? – Nada. – Mas olha, dizem que não foi por causa da filha, foi por causa da mulher. – Era puta né? – Das mais safadas. – Deus pai! – O pai não. – Não, não. – Não o que? – Nada. – Essa maquiagem não ta ficando boa. – Que isso ele ficou até mais novinho. – Isso de maquiar o defunto é muito chique não é mesmo? – Oh se é.

...

Có, có, cof.

Coma. - Coração de galinha? – Sim. No centro do prato. Uma garfada e o coração do prato é arrancado. – Hum, hum; eugostodecoraçãodegalinha. O fala, fala, era mais forte do que a música que tocava de fundo, Nelson Ned nunca foi tão pequeno. Arrasta, arrasta, cadeiras, cadeiras. Gordos, gorduras, ossos, secos, chupados. – Cof, cof. – Engasgou querido? – quase O, coraçãoparou, na goela. Tic, tac, lic, lac, de pratos e talheres. Limpa, bebe, engole. Canção. – Garçom!

O. Empurra, empurra, feito gado, como, sangue, numa, artéria EnGoRdUrAdA. Quarenta e um passageiros sentados. Fale ao motorista somente o indispensável. Proibido fumar. Família. Os filhos pequenos sentados juntos na mesma poltrona. No colo, quente e aconchegante, vai a marmita de resto do almoço. No fundo. Discussão. – Não quer dar lugar pr'a coitada da grávida! – Ela não tá grávida, é gorda mesmo. – Vai se fuder! Iiiih. – Baixaria viu. Para! A senhora cai, rola no chão. Acelera! Rola de novo. – Tá carregando porco porra!?

Mais. Todos descem. As crianças suadas, suadinhas de ficarem ali {siamesas} na cadeira. A mãe carrega sua marmita, com restos de coração. O pai. dor, Dor, DOr, DOR! – O braço, braço. Pontinhos brancos comem os olhos feitos minhoquinhas. A marmita no chão. O coração,,, pa..! Galinhas foram vingadas.

A.

Senão, senão.

A dor. Adorno no peito, uma gravata nova, veludo, pelugem, prateada!A dor no peito! Tudo pa...ra no metro da Consolação, um menino com elefantíase, uma senhora desmerecida, um casal de velhos e uns velhos de casal. Dezenove. Horas passam. Um calo no pé, um quadro da F. Kahlo, ninguém mais percebe, que ele está friodurorto. De tão cheio o vagão -_|_-_|_-_|_-_|_-_|_-_|_ fica de pé.

Morto. Só se morre nesse mundo com atestado de óbito, antes disso é causa práxis, coisa ou cousa. – Mãe o moço está pesando em mim. – O Empurra de leve, assim ele sai. Todo morto é um estorvo. – Ele é bonito não, gostei dessa gravata prateada. – Achei cafona, parece coisa da Guaraná Brasil. O morto parecia mais velho e cansado, uma menina queria ceder o lugar, uma mãe sentiu pena, um viadinho o achou um pão.

Viadinho. Toda história que se preze tem um. Nem que for de cu adjuvante. Ou daqueles do interior que acha que fica menstruado.

Menina. Sentiu a mão do morto na bunda. – Opa, ai não João, está pensando o que? Morto não se desculpa. Menina grita, - Socorro, tarado! todo mundo cai de pau no morto. Daí ele morre mesmo. Dá noticia no jornal. Dois três vêm chorar. Ganha atestado de óbito, foi de linchamento, antes era de tédio.

Deaf AIDS

Não. Vejo nada; absurdo, como o Surdo. não se rebela contra o mudo, mundo, que o rodeia. Como um prisioneiro e a cadeia, a agulha perfura a veia, pode ser a cura; ou a morte de brincadeira.

Menino. Problema congênito. Não eram orelhas pequenas, ou pés tortos, nem problemas fartos de coração; era audição. Se você nunca ouve "eu te amo" você sabe o que é amor? Fica no que seja; seja lá o que for?

Vivia. Num quarto pequeno. O pequeno quarto era ¼ de tudo que sabia. Ele sabia que o sábia sabia assobia, que a aranha subiu pela parede, que samba lelê está doente (desse se preocupava, quem cuidava?). Descobrira ainda pouco que o cravo feriu a rosa; que pena que o casal não deu certo; amor é coisa difícil.

Mamãe. – Parou de chorar, mas não quer comer. Papai. – Se empanturrou com tanto choro. Enfermeira. – Melhor aplicar o soro. Rex. – Au! Au! Au! Au! Au! Au! Fagner. – Quem dera eu ser um peixe, para em seu límpido aquário mergulhar, fazer

borbulhas de amor pra te encantar. Casa. – Tic, plic, plop, vop, sop, brig, lip, vrrr, xua.

Som. Médico. – Ele só tem 30% de audição. Papai. – Pelo menos isso, 30% é o bastante num mundo com tanta coisa inútil para se ouvir. Mamãe. – Ele vai conseguir ouvir Beatles?

A casa de três jardins

Casa. Viva casa. Tem pai, mãe, irmãos e tia. Quando me perguntam como é a minha casa, eu digo que ela é parte da família, pois ela está lá desde não sei quando; Flertando com a minha vida.

Primeiras janelas. Quem sabe rotas de fuga, até ver a distância que as separava do chão; Descobri que não eram tão seguras. De segundas coisas não me lembro, as primeiras tomam esse lugar de assalto, dessas; as janelas. Ainda cuido delas, pois são primeira imagem que depois de mamãe é das mais importantes pessocoisa na minha vida.

Porto seguro. Brincadeiras de pião ainda rugiam gargalhadas, bolas ainda quebravam vidraças e a solidão chegava a ter graça. Havia um lugar que me metia medo, era um corredor que separava os quartos, pois ele separava tão bem os quartos das pessoas que amava de mim; Que achava que nunca mais iriam velas.

Portas de carvalho. Rústicas e pesadas. Como meu pai. Eu fiz delas parentes separados, pois como nunca tive meus avós, elas faziam esse papel. Quando nelas deitava a cabeça e chorava quando queria doce, as lambia, pois o gosto de madeira velha eram para mim feito doce de abóbora.

Inveja. Que inveja de papai. Sabia que ele mandava na minha casa, mas um dia eu seria grande; E enfim, ia fingir de rei no trono da sala; Onde família, se reunia e ria, mas minha mãe sempre calada.

Mamãe. Eu a admirava. Ela cuidava da minha casa, dava banho, carinho e atenção, colocava jóias que eram verdes e com pontas cheias de cores. Ela amava minha casa e eu como amava minha mãe.

Quando. Pensamos em nos mudar, bati o pé, gritei, disse que não e chutei o chão. Abracei as tabuas velhas do chão, mas ali ficou a minha tristeza assinalada e muda, no chão da minha infância.

- Meu pai. Dois passos e foi embora, hora aquela que a comida estava quente na panela. Mamãe ainda

sabia de cor a receita de bolo da minha avó paterna, que lembro bem mancava da perna. Cada cômodo da casa respirava e falava como se todos tivessem asa, ou não? O chão tinha dores nas costas, pois pisavam ele com suas botas, as portas tinham a boca partida ainda se ouvia suas dores e rangida. As janelas, que bobas elas, podiam fugir e ficavam lá, esperando o porvir. Fecho os olhos e vou dormir. Só sei disso, mas as chaves, são como aves. Um Sabião.

Casa. Só desejo em ferro bruto; areia fundida na terra. Ser celeste; quem sabe fruto.

Hino em MI

Peregrinos, peregrinos! Guardem suas bagagens, pois as margens do rio Ipiranga, um homem vestido em canga fio de português gritou em alças: “Lavem suas calças aqui!”.

Peregrinos, peregrinos! Guardem suas bagagens, pois das pastagens, um negro retinto subiu o morro, não minto, para nos salvar. E ele gritou em alças: “Lavem suas calças aqui!”.

Peregrinos, peregrinos! Joguem suas bagagens fora, pois agora, temos um país; Nessa terra os Brasis, gritam a todo vento em alças: “LAVEM SUAS CALÇAS AQUI!”.

As meninas,

As calcinhas ali no varal, choravam molhadas, cada qual vizinhas. Mas se sentiam sozinhas e sempre dadas. Tinham cores, todas elas; Bordo, Rosa, Vergonha e Sem-vergonha.
A mais rosa delas, dizia;

- Tia. Adoro bonecas, são tão bonitas, magras, sedosas. Gulosas essas pragas, beberam todo o chá as sapecas.
Uma que já tinha pouca linha e já passado, desses laçados de boneca. Não era mais moleca, era bordo:

- Ai que horror! Viram só vizinhas? Aquela calcinha, de cara vermelha, ela acha que é rainha e abelha. Desse cortiço, esse viço feminino, de trapos pequeninos.

Pobre da Vergonha, ali tristonha, ainda sonha malícia; Que havia, aprendido sem querer, coisa da idade precisa saber.

- Ai vergonha, ponha seus sonhos cá. Dizia Sem-vergonha com tua cor que ninguém sabe qual é, cor de sem-vergonha.

- Tonha, não há o que sonha, cada homem sabe que não importa cor, por sermos só pra tirar.

Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico

Ela. Usava carteirinha de passe livre; daquelas de deficiente, da cinturinha para baixo, dos dedinhos para cima, dos olhos para o mundo, mas o seu nome não era Valdison dos Santos. – Maria Rita, prazer, sou representante da Avon você está interessada em alguma novidade? Não? Sim? Talvez? Passo amanhã? Não sabe? Sem dinheiro? No final do mês?

Valdi. – Oi mãnhi. – Oi Valdi; não foi dormi? – Não, eu vou assisti a reprisi do filmi. – Valdi, você gostaria de ter um papai? – Ele ia mora aqui? – Ia. – Não ia gosta não mãnhi. – Porque? – Não quero dividi o meu quarto mãnhi. – É verdadi.

Bar. – Qual o seu nome mesmo? – Valter. – Você faz o que da vida Valter? – Sou mestre de obras. – Hum; legal. – É. – É bom né? – É; e você? – Sou vendedora da Avon. – Hum; legal. – É. – É bom né? – É; qual o seu nome mesmo? – Anderson. Você faz o que da vida Anderson? – Educação física. – Hum; legal. – É. – É bom né? – É; e você? – Sou vendedora da Avon. – Hum; legal. – É. – É bom né? – É; qual o seu

nome mesmo? – Eduardo. – Você faz o que da vida Eduardo? – No momento desempregado, mas eu era representante comercial executivo. – Hum; legal. – É. – É bom né? – Ficar desempregado? – Não, ser representante comercial executivo. – É; e você? – Sou representante comercial da Avon. – É? – É.

- Gente, gente! Desculpa incomoda, mas eu preciso pedir a ajuda de vocês, eu vim lá de Minas Gerais fazer um tratamento aqui, eu tomo remédio controlado, fiquei até sem almoça hoje, pelo amor de Deus gente, eu preciso da ajuda de vocês. Obrigado, senhora, Deus te abençoe, sabia? pelo amor de Deus gente, eu preciso da ajuda de vocês. Obrigado, moça, Deus te abençoe, sabia? pelo amor de Deus gente, eu preciso da ajuda de vocês. Obrigado, senhor, Deus te abençoe, sabia? – Sei.

Ponto. – A vida é um ciclo Maria Rita, começa no começo termina no inicio; um dia cê há de se acerta. – Cê acha que se eu ir com você na igreja eu acho um marido bom? – Claro, igreja é o melhor lugar pra acha marido, tudo gente honesta. – Nos bar não deu certo mesmo, aquela conversa chata.

Ela. Usava carteirinha de passe livre; daquelas de deficiente, da cinturinha para baixo, dos dedinhos para cima, dos olhos para o mundo, mas o seu nome não era Valdison dos Santos. – Maria Rita, prazer, sou representante da Avon você está interessada em alguma novidade? Não? Sim? Talvez? Passo amanhã? Não sabe? Sem dinheiro? No final do mês?

Nivaldo. – Oi Mari. – Oi Ni; cadê o Valdi? – Foi dormi. – Que bom né?

...

Algo tão doce

Seis meses. Ficamos nos falando por telefone, ela sempre se esquivava quando eu pedia um encontro. – Não, meu bem, meu pai é ciumento. – Mas! – Não, meu bem, estou ocupada. – Mas! – Não, meu bem, as coisas vão mal. – Mas! – Ok, meu bem, no domingo que tal?

Eufórico. Banho. Perfume. Flores. Bombons. Calça nova. Camisa nova. Meu Deus! MEU DEUS! Meu Deus! MEU DEUS!

O ônibus. Entrou num dos piores bairros de Cuiabá, era tudo sujo, cabreiro, até os cachorros fugiam de lá. Como a minha dama poderia viver num lixo desses? Eu precisava resgatar ela disso.

A casa. Rosa; acho que de vergonha. Portão de metal, nheccccccccccccc, campainha, pinnnn ponnnn. – Oi. – A Eudimara está por favor? – Entre eu vou chamar ela. – Você é a irmã dela não? – Sou sim; sente ai, vou buscar um café. – Bom café. – Victor. – O que? – Sou eu. – Eu quem? – Eudimara. – Porra! – Você está

zangado né? – Não, é que eu me queimei com o café. – Victor me desculpe não ter dito para você. – Dito o que? – Que eu sou assim. – Bom, você não é de todo mal sabia? – Não faça isso. – É sério. Eu gostei de você desde o primeiro momento que eu te vi, não ligo para essas coisas de aparência. – Você está sendo sincero? – Claro! Onde fica o banheiro?

DEUS! O que era aquilo? Que merda era aquilo tudo? Abaixei as calças e fiquei olhando para o meu pau. – Você vai meter naquela gorda cara, agora que eu vim até aqui, isso vai acontecer de qualquer jeito. Respirei fundo, fiz a maior cara de cínico do mundo, soltei um peido bem sonoro esperei um minuto, pois peido é igual cachorro bom sempre segue o dono. E sai.

Gorda. Enorme. Colossal. Grotesca. Sebosa. Como podia; a voz sexy. Aquela BALEIA; 150 kg no mínimo e era tanta carne, nas dobras que se ajuntavam nela, que poderíamos acabar com a fome no mundo.

Beijo. Não acreditava que o beijo era bom, a gorda beijava muito bem, MEU DEUS! Sem cerimônia, me levou pro quarto dela, me alisou que nem um

cachorrinho me deixou em pé e me chupou e deu umas mordidas. Dava para ver que era a primeira vez dela, ela tremia muito, pensei que ela fosse morrer de ataque cardíaco. Se ela morresse em cima de mim eu ia ficar lá para sempre, no meio daquele recheio de bosta.

De quatro! Que coisa grotesca, parecia que eu estava enrabando uma vaca, o cheiro no quartinho era tão forte que dava náuseas. Acho que a banha dela estava gastando e se fixando no ar num misto de sebo e sexo. Eu até tentei chupar a sua xota, mas era muita carne, eu mal conseguia respirar. Ela devia estar menstruada, mas era tão gorda que não dava para ter certeza.

Certeza? Eu não tinha certeza nem de estar enfiando no buraco certo!

Ela. Ria. Muito. Porra de gorda louca. Uma hora. Naquela cena cômica. Aquela guerra de carnes. – Onde é o banheiro?

Limpar! Eu precisava me livrar daquela catinga, mas era um cheiro maldito, não saia de jeito nenhum. Peguei o pinho sol que estava do lado do vaso e derramei em cima de mim, eu precisava gastar aquilo de qualquer jeito. Olhei para o meu pau, todo esfolado, parecia que nunca mais iríamos ter o mesmo relacionamento.

- Eudimara, eu preciso ir. – Que cheiro forte de pinho sol. – Eu derramei sem querer essa merda. – Esqueça eu limpo depois. – Olha, foi muito bom sabia, eu amo você! Ela começou a chorar, como eu podia ser tão filho da puta? – Eu também Victor!

O ônibus. Aquele cheiro de pinho sol. Melhor que o cheiro de sebo. Parecia que todo mundo estava me olhando, adivinhando que eu tinha acabado de trepar com a rainha das gordas, mas eu estava feliz, pois eu estava voltando para casa.

...

II

Poesias para boi mugir

Aos pés do deserto

Argelino, esse sangue duro,
crepita em suas mão limpas,
socorre seus olhos da morte
desvairada morte de tudo e de todos.

Alguns, já nascem leões,
outros simples humanos.

Beba, sorria, seres-*virtus*!
O sol, numa gota de suor.

E sucede em cântaros:
será que escarro no mundo
ou lhe beijo as têmporas?

Censura Impossível

Calabouços e cadafalsos,
nem luz ou resoluto.
Só sombras e pavor,
uns, garimpam ouro
E outros, gritam. De dor!

Vou seco, vazio, ermo.
se existem espetáculos
não me foram suficientes.

No meu rosto destruído,
(Rugas, pulgas, feridas).
Ainda vivem, esses olhos,
minha cordilheira titânica.

Lemon

Nem fale da vida,
que viver dá nisso.

Madrigal para Marlboro lights

Negro-de-fumo cálido
que vem dum carro.
Árido. Vira escarro
Num catarro pálido
feito óleo de motor,

cuspo e não engulo.
Esse pedaço de dor!

Três soluços

Pilha usada,
fagulhada.
Estrelares,
!estrilares,

são cometas
mas sem caldas
nas calçadas,
não estreitas

eles atingem;
secos frios
nada brota.

E emergem
vultos. Brios
duma grota.

Morte em Kuokkala

Fileiras de garfos e facas.
“Desarmem os esfomeados”.
Marcas, de um bigode azul.
Abençoados, por Deus que
dos céus. Bombas de arroz,
matam a milhares de quilômetros.

Um grão de feijão-napalm,
e vaias estouram tímpanos!

Rio de pés

Serra, cerra pelada,
será a perna dentada?
A boca, esfomeada, comendo;
Pedregulhos, solares,
aos milhares. Lábio tendendo.
Dourado e faminto,
os dentes da frente.
Cantam a familiares perdidos!

"Mãe de Deus dá-me.
Mais força nos dedos,
os dentes dos gregos."

Rosa de consideração

O amor semente,
cresce sem terra,
é dessa guerra;
razão e mente.

Eu que me espanto
Quanto ramo tem
É rosa ou plancto,
são feitos liquens;

dedos perdidos
quando feridos,
bestas e brutos.

Eles encolhem,
murcham e fedem.
Igual os frutos.

Os coreógrafos

E nos confins
Desse mundo,
tem. Alecrins,
que confundo

com as moscas.
Coloridas,
varejeiras,
bailam. Toscas.

Bem cansadas,
elas zumbem.
Cem tapadas,

as espancam.
Não somem,
como cantão!

Diz traindo

O tempo é um rapto,
quanto mais corro
mais ele fica rápido.
É feito um psiu,
se ninguém viu:
Ele pulou, a virgula,
e tropeçou no ponto.

A verdade é clara,
as rugas na cara
são desse acidente!

Parafusos belos

Que tudo acabe em estatuas
em pedras e rochas cruas.
Que se façam casas, ruas
e flores de formas perfeitas.
Um nada de coisas feitas.

Que o advento da alma:
Seja invento de fábrica.
Que necessita de pedra,
duas palmas e goma arábica.

E que nessa colheita.
De pessoas e pássaros,
façam da carne pratos
e das penas os garfos.

Trasflor,

À estrela uma flor,
há distância a transpor
esse quilometro raptor,
aqui migra. Migra dor,
com o vento a desfavor.

Qual é o som conector,
o meio detector
desse escudo deflector
entre amor, dor.

Vrum, Vrum, Vrum...

Tenho meu FIAT-UNO
Abatido numa calçada;
um rinoceronte branco gelo.

Esse troço mecânico
minha nau do asfalto
voando num céu alto
com asas de borracha.

Acrobatas

Rosas e locomotiva,
prosas que louco motiva.
Trapos de um estandarte,
arte que verte em arte.

Tu topas, ter um só olho?
Ser do mendigo o piolho?
Um dente pra dita cuja,
que mora numa rua suja.

Desse ofício do verso,
nesse fictício inverso.
E donde? Adonde? Onde?
Você que vê, se esconde?

Baile

- É desejo de moça fia,
que coça e o gato mia.
Que voa feito andorinha,
e acaba na tardinha.

- Mas pai! Deixa-me ir dança,
não havia nada de trança.
- Vou é no quarto te trancar,
também te parto se chorar.

O pai lhe apontou o dedo,
o olho cantou de medo.
Na cachaça deu um gole,
sem graça ou prosa mole.

Canto

A pá lavra sentimentos,
calada sagra momentos.
A perder tempo e vento,
a ceder empo e tento.

Como fetos descobertos,
apressados e alvejados.
Perdidos e destemidos,
aos gritos e benquistos.

Perdas as veredas pardas,
cerdas amargas e negras.
Veja sua peja peleja,
almeja e braceja já.

Corais

E deu, no meu exame,
o vício teu de ex-ame.
Mas eu te digo, contudo,
eu redigo, sou um mudo.

Que te vê. E te esquece,
então você que aparece.
Imaginário. Não seria,
até aquário, da poesia?

Relembro de cada traço,
membro, costas e braço.
Precisa proeza à pessoa,
pois a tua beleza ressoa.

Dislexia

Um verso do infinito,
inverso do que foi dito.
Porém eu não sei o tanto,
do desdém. Só sei por quanto.

É pretexto. Do que resta,
do texto. Que já não presta.
Só a este. Que já sem sal,
coisa e tal. Não é banal.

Eu estou em liquidação,
o que eu sou. Preço de pão.
Vá! Tua hora já acabou,
lembro agora. Já pagou?

Ela

Rasga, e é, sorridente,
engasga e tem dente.
Flui catarro ou poesia,
não é sarro? O que seria?

É do rosto o melhor,
até mau gosto é o pior.
Vomita, chupa e xinga.
Grita, culpa ou vinga!

Parece xota de mulher,
arrota. Ou o que vier.
E com ela, é que comem,
o que é do bicho homem.

Estetas

É mito do artista,
o tal do grito niilista.
Dançar com a mentira,
cantar como quem atira.

Fazer-se surdo e mudo,
e ser absurdo em tudo.
Até nascer e renascer,
e viver de aparecer.

Cagar em cima da razão,
e falar sim dentro do não.
Morrer e então perceber.
- Onde é que fui me meter?

Ex-plícito

- Mas diz. E o que é amar?
- É livrar o impar do par,
por um triz. E eu não o fiz,
é da raiz, o que você diz.

Do pé ao cu. Ex-plicado,
amor é nu, e cansado.
Até vi. Senti, ou ouvi.
Ia por aqui, mas esqueci.

Com a defesa. O Amor:
- Eu não sou presa de pudor,
tua definição não colou.
Nem ação e reação, não sou.

Fiz

A ilusão de ir e vir,
a permissão para sorrir.
Ta no papel. Mas não é lei.
Seria um cordel? Nem eu sei.

Risco o que nem sei. Arte?
Arisco quase que aparte.
O adjunto de nenhuma,
junto tudo vira uma.

Trato o rato dos ratos,
no prato dos mais caros.
E como palhaço que sou,
compro o espaço que doou.

Grileiros

É um tanto ao contrário,
o canto do meu canário.
Já é um tropeço, enfim,
será que começo do fim?

- Se toma, vira L.S. Deus,
o croma, e o Louva-Deus.
- Tu és estrangeiro, guri?
Dos canteiros de Puxuri?

- Somos todos forasteiros,
sem o mundo, ou inteiros.
Na procura de pão e chão,
e tu nos mura com teu não?

Hospício

- Toc! Toc! E agora!? Quem é?
- TOC! TOC! Eu. Outrora sua fé!
O vento arde aqui fora...
- Não! É tarde, vai embora!

Não! Me deixa! Vai dormir.
- Não se queixa. Vem sorrir!
Tu que urra, e não me vê!
- Tu é burra? Ou é clichê?

Que cara tem? Por que cê vem?
- Mais de cem. Motivo não tem.
- Vem. Mas não suja o chão!
Quem? Mas você é a razão...

Imaginário

Bom se a vida só fosse,
pompom e algodão doce.
Mas não é! Então tenha fé.
De não em não. Há de dar pé.

Só o homem é de fato,
um ato real ou abstrato.
Você que me olha quieto,
um tal beto indiscreto.

E no reflexo perplexo,
do meu ego desconexo.
Amigo porque contigo,
tem um quê de inimigo?

Novela

E com o dia na garganta,
de que não mia nem espanta.
Que de não em não. Eu pasmei!
Não sou mais são. Nem mais serei.

E não me vem com tuas culpas,
e mais umas cem desculpas.
Do teu amor ao contrário,
do que é no dicionário.

Se flerto com o pecado,
não é certo nem errado.
Grito fora quase morta,
Diretor na hora: CORTA!

Pre-texto

E o que é considerar?
É o que é te avaliar?
Então ela separemos,
e então nela veremos.

Com siderar. O que seria?
Com os astros que já devia.
E agora tem sentido,
que outrora não contido.

De início essa fonte,
era vício não sei donde.
Etimológico prazer,
do meu lógico por fazer.

Ronronar

E de quatro de repente,
no prato uma semente.
Surgi pura e potável,
urgi e urra notável.

E de nada é contente,
a vez de cada serpente.
Pata e pelo afável.
Prata e gelo, palpável.

E do teu urro latente,
a dó do burro demente.
Vida inimaginável,
pulos de gato instável.

Siririca

Siririca me belisca,
Siririca me rabisca.
Dedilha a minha nina,
Sardinha a minha sina.

Roça a moça e coça,
poça a troça e choça.
Instiga faz figa, liga,
Abriga faz pinga, xinga.

Grita dita periquita,
Aflita dita cabrita.
Abraça a taça, traça,
Avança a raça, graça.

Sombras

Há rasgos de cor pálida,
nos lagos, de dor cálida.
Há prata nos teus cortes,
que trata, a fé dos fortes.

A cor desbota, e chora,
não nota a dor na hora.
E a mão que te socorre,
é em vão, e você morre.

Não há mais tanta ilusão,
até na fé que planta grão.
E qual linha, é aquela,
que há até minha tela?

Trio

- Eu que já estou cansado,
já sou, do mesmo passado.
Um palhaço de meio dente,
num abraço de meio crente.

- Você, que vive de sobras,
e de lembrar belas obras.
Do teu vasto picadeiro,
que já é gasto inteiro.

- Eu te digo, de mão dada,
redigo. Não digo nada.
Há esperança para nós?
Que dançamos a dança sós?

Astro-lábio

Sou Sagitário ou flecha,
planetário teu, e brecha!
De câncer, cancerígena,
há de ser. Lua indígena...

Explícito. Foi Nijinski,
ex-plícito. É Leminski.
Poesia, ou heresia doce?
Bom seria, queria fosse.

É misto do que eu disse,
e visto que eu não disse.
Parece loucura, te ter,
carece de cura. Viver.

Letras

Lápis cor-ta-dor, já risca,
o que for. Ou cor arrisca,
e junto, uma, com uma.
O adjunto de nenhuma.

Para repolhos ou ninguém.
até olhos dizem amém.
Cê é minha, She, He e We,
é o meu doce, de kiwi!

Recorta o M de mama...
você entorta, mas ama.
Uma virgula, um ponto,
é o poema ou um conto?

Quitanda

No caso o meu recado,
por acaso. É pecado?
Até o moinho de vento,
mói a fé, e pensamento.

Umbanda, vela, cacareco,
na varanda dela uns treco
de reza. São Jorge, santo
que preza, fica num canto.

Olhando, e rindo, maroto,
se faz de orando o garoto...
E no fundo do meu quintal,
nasce mundo, cresce o mal.

Istória

Uso régua, borracha,
traço meta em légua.
Sujo a mão de graxa,
sol a sol, sem trégua.

A rima, lima, debulha.
Na bulha. Inda cisma,
esgrima, com agulha.
Ou mato de campina.

Num poema insiro,
torço, colo e viro.
Tema, idéia, ovo.
Lavou está novo.

Arrugué

Que nos exílios
campos Elíseos
Sejam os frisos
"Entrem as aspas",
entrem os guardas!
Chegue e mate.

Barriga d'água

Fiz um poema,
ele foi, até o osso,
até o fim do poço.
Começou fino:
Acabou-se grosso,
ou, pequenino?

Poem-(a)-zia

É de cristal ou aço?
De que matéria ou
circunstância, eu crio?
Queria ser poeta, sou!
Poesia, leite do seio,
queria por isso veio,
o resto do que sobrou.

Metonímia da Vida

Realejo, das almas,
todos ao mesmo barco.
Gritam socorro, amém!
Futuro ou sussurro?
Vivem além bem além,
os restos, de um murro.
Pilar, casa ou arco,
multidão dos passados!

Eu sou, poeta azul,
todos os passos em um!
Me cortar em pedaço,
me colocar à bandeja!
Desses animais nenhum
me gritou: "- Veja, veja!
Um pulmão, rim e baço.
desse ser! O poeta..."

60°

Um parto, de fato, sou.
Quando me parem,
- Eu gemo. E gero,
Também.
- Dias e mais alem,
Egos, pra mais de cem!

À Ponto do Lápis

Vivo, como se toda,
flor fosse uma rosa!
Eu alternando, entre,
conto, verso e prosa.
Viver, como se essa,
manhã fosse a pressa.
De pássaro, que posa,
num ninho de estrela;
Do amanhã e sempre,
que nunca aconteceu!

O poe-(ta)-ma no IML

“Eu, que abri um peito,
tal portas ou janelas.
E dentro nada, oco!
Corpo: Ruas, vielas,
exprimidas no tempo?
Esperando, momento,
tal a cera das velas.”

O poema, de certo,
meu caríssimo leitor!
Fala desse poeta,
sentimento receptor.
Pelo o nada. E é,
coisa que valha a fé.
Algo fingindo, a dor.

E sabe, que calvário,
é coisa complicada.
E, mesmo assim usa.
Lá fica cruz parada,
também resignação!
E cortejo da Paixão,

é o seu tema e nada.

“Fiz c-asa para anjos,
(matéria do meu corpo).
Dos olhos fiz janelas,
e meus braços absorto:
Concluo, meu trabalho,
e pedaços, que talho.
Prá não te deixar torto!”

Poeta, porque triste?
Tu fazes, cantos belos,
inspira os meus dias!
E de versos sinceros,
constrói de tua prata,
os tijolos. Que trata,
os sonhos, seus castelos!

O Sábi-(o)-a Portin-(p)-ari!

Vi vida em Brodosqui,
mesmo não estando lá...
"Baile na roça" também.
"A Greve": Agora dá!
Sapato pra arrum-(p)-ar,
"Menina com laço". Dar!
"Café". Lá ou acolá...

"Deise com Gato" p-(b)-ardo,
me da um certo medo.
O "Batismo de Jesus",
é até um enr-(c)-edo.
E esses "Retirantes":
Que a eles instantes...
Conto todos a dedo.

"Mestiço" olha sério,
olha com cor cast-(m)-anha:
..."Paisagem de Brodosqui".
É traço, de tamanha
gosto-(ra)-sura sim!
É concreto e capim,

os quadros de campanha...

“Coluna Prestes” cairá?
Ai, ai. Valha-me Deus!
“O Descobrimento do
Brasil” eu deixo a-deus.
Faz tal “O sapateiro
de Brodosqui”, meeiro,
à esses bons dias meus...

Há saudade dos quadros,
uns lembram e os outros?
Esquecem, bem devagar.
Boa beleza, doutros
como ele, vai nascer,
e eu quero ver, pra crer,
que arte-(i) tem noutros!

Boneca de porcelana

Bem-te-vi, bem-te-vi.
Chorar será bastante?
toda a beleza é alma
ante a lágrima diamante.
pos, sob a tua palma;

Todo esse belo brilhante,
contido, num só instante!

Motos perpétuos

Meu amor, esse, elo;
forjado sem martelo
vê em ti, um castelo,
não de pedra e sim de belo.

End-less

Enquanto dançou Apolo,
entre umbrela entretanto;
fica entre trevas e solo.
e estrelas. Que urinam,
sob sua cabeça cantando!

Litros d’água

Antes que o papel,
amarele seu dente
nesse meu sorriso;
ridente.

De poucas letras
rabisco o poema,
falo a estreletras,
falo, borboletras;
cadentes.

Ouro de tolo

O poema quer fugir,
desprender do papel
quer criar asas. E ir
vogais e consoantes
pé ante pé. Cria sua
bela Torre de Babel.

Deus e o Pára-Raio

Vou cantando agora;
SI. Posso sim, posso não.
Vã. Um sonho piano.
Ano, mês, dia! Leão,
Pão, migalha e fome
some uma flor nome.
Ou fato sem audição.

Mundaves

Enquanto, transformo
canto dos passarinhos
em letrinhas dum poema.

No sentido da vida
contido nesse mundano.
É essa incrível ida,
de ser, deveras humano!

Cristal e cristaleira

Os velhos ainda sonham
Saem de sonhos,
como em guerra,
com-(o) o próprio corpo!

Mas rugas não são medalhas,
e não rugem tambores.
E nos seus olhos, glaucomas,
pequeninos; Lhe dizem adeus.

Arroto de pedra

O olhar opaco, ralo e cansado.
Perscruta essa tempestade.
De gotas antigas, pterodátilas!

De quem é a herança
as penas, asas plenas,
de cada delicada pena.

Há tanta poeira.
E pouca poesia.

Deixo no fim, a mensagem,
"o mundo é pura paisagem".

* * * * * * * * *